

ATUALIZAÇÕES DO DIÁLOGO ENTRE A TEORIA QUEER E A EDUCAÇÃO

Ricardo Maria dos SANTOS¹

RESUMO: Este trabalho pretende atualizar algumas contribuições que a teoria queer vem apresentando nas discussões sobre as identidades sexuais no âmbito educacional, através da exposição de como as teorias pós-identitárias em geral e a teoria queer em particular possibilitam a avaliação de diferentes aspectos a serem levados em conta na discussão da diversidade sexual em instituições escolares. Baseando-se em obras publicadas recentemente no Brasil e no exterior, além da prática docente do autor, esta pesquisa também relata pequenas, mas significativas alterações no comportamento de alunos de ensino superior quanto à expressão de suas sexualidades, especificamente no que tange à verbalização de experiências que se situam fora da heteronormatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria queer. Identidade. Sexualidade. Educação.

Em trabalho anterior (SANTOS, 2009), discorremos sobre como a teoria queer rechaça os binarismos de gênero e identidades sexuais – advogando uma dinâmica antinormatizadora, especialmente em relação à fixação da heteronormatividade como “natural” – para se estender além dos limites estritos do campo da sexualidade e passar a questionar toda e qualquer asserção de conhecimento e poder que se pretenda cristalizada e detentora de privilégios quanto à sua representatividade. Retomamos a aceção de heteronormatividade como

[...] uma descrição de como a heterossexualidade parece ser normativa, normalizada e desejável de diferentes maneiras, e de como a heterossexualidade é continuamente dada como certa nas sociedades ocidentais em geral, e dentro de instituições públicas como escolas, em particular. (ROTHING, 2008, p.255, tradução nossa).²

Empenhados na desestabilização de conceitos e comportamentos essencializados, muitos teóricos queer também têm se dedicado à desconstrução de práticas educacionais que consideram proponentes de uma concepção da diversidade sexual como imutável, binária e a-histórica; entendem que

¹ UNESP - Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras - Departamento de Letras Modernas. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - rsantos@fclar.unesp.br

² The term heteronormativity may function as a description of how heterosexuality in different ways appears to be normative, normalised and desirable, and how heterosexuality is continuously taken for granted in western societies in general, and within public institutions such as schools, in particular.

A heteronormatividade é onipresente dentro da maioria das estruturas e instituições, incluindo as escolas. Ela mantém o poder da heterossexualidade como dominante e privilegiada dentro da sala de aula ou escola, e no âmbito de noções mais gerais do que poderíamos chamar de um cidadão pleno/uma cidadã plena. (LOUTZENHEISER; MacINTOSH, 2004, p.152, tradução nossa).³

Comentando o paradoxo de que, embora a luta pelos direitos civis de mulheres e etnias minoritárias na sociedade tenha chamado a atenção pelo caráter de “invisibilidade” que essas pessoas possuíam quanto à representatividade perante um padrão estabelecido, que é o do homem branco, Guacira Louro observa que, no caso do comportamento heterossexual hegemônico, é este que permanece invisível e contra o qual todas as diferenças são destacadas:

[...] se a posição do homem branco heterossexual de classe média urbana foi construída, historicamente, como a posição-de-sujeito ou a identidade referência, segue-se que serão “diferentes” todas as identidades que não correspondam a esta ou que desta se afastem. A posição “normal” é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna, paradoxalmente, invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem. (LOURO, 2008, p.22).

Em seguida, descreveremos como algumas práticas têm sido executadas para lidar com situações em que a expressão da sexualidade não-heteronormativa de alunos tiveram sua fundamentação nas discussões que a teoria queer propõe.

Em 2002 a Suprema Corte do Canadá revogou a decisão da Direção de uma escola pública de não incluir livros infantis que apresentavam famílias queer em sua lista de leitura em sala de aula. No mesmo ano, um aluno que se formaria no ensino médio também foi à justiça contra a Direção de sua escola católica canadense para assegurar seu direito de levar seu namorado ao baile de formatura; ele venceu a ação. O Estado da Califórnia (Estados Unidos) lançou a campanha “Avise que não vai trabalhar porque vai contribuir com a causa gay por um dia” [“*Call in Gay for a Day*”] em 2008, para protestar contra a lei que banuiu o casamento entre pessoas do mesmo sexo no Estado (RUITENBERG, 2010, p.618-619). Assim, por terem conseguido respaldo jurídico nas leis desses países, a garantia de direitos – ou a continuidade da luta por eles – tem progredido mais rapidamente em relação ao Brasil, por exemplo. A expansão, em muitas escolas e universidades, de centros de apoio a alunos

³ Heteronormativity is ubiquitous within most structures and institutions, including schools. It maintains the power of heterosexuality as dominant and privileged within the classroom or school, and within more general notions of who might be termed a full citizen.

gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros também ocorreu rapidamente, inclusive com a formação das *Gay Straight Alliances* [Alianças Gays-Heteros], em que tanto alunos de orientação sexual voltada ao mesmo sexo quanto apoiadores e simpatizantes com orientação sexual voltada ao sexo oposto se uniam contra o preconceito, a discriminação e a violência nessa área em suas diversas formas.

Uma das formas mais comuns de violência contra esses alunos, por sinal, é o *bullying* (intimidação, perseguição ou coação física e psicológica). Muitos educadores não se sentem preparados para questionar o comportamento agressivo de seus alunos quando atacam verbalmente a orientação sexual de seus colegas – quando não contribuem para o agravamento dessa situação, quer pelo seu silêncio ou omissão, quer pelo reforço, involuntário ou de forma jocosa, das mesmas ideias preconceituosas que parte da classe vocaliza. A atenção para com a linguagem usada – por alunos e docentes – não deve ser subestimada:

A teoria queer postula uma coisa extremamente simples que todos os atuais e futuros educadores podem fazer para fazer a diferença na sala de aula todo dia: monitorar ativamente a linguagem que usam. Tal monitoramento busca redefinir (ou pelo menos instigar os alunos a questionarem) o sentido de palavras, termos e conceitos que servem para reforçar caracterizações de “normal” definidas socialmente e que, portanto, ajudam a criar os rótulos e categorizações binárias que são a raiz da discriminação. (ZACKO-SMITH; SMITH, 2010, p.6, tradução nossa).⁴

Mesmo a propagação do ideal de tolerância pode conter um aspecto não-percebido de inação corretiva; quando atitudes agressivas não são combatidas, corre-se o risco não somente de perpetuar a situação de opressão, mas também de legitimar o comportamento violento, uma vez que o sujeito que pratica a agressão não vê sua ação questionada nem é chamado a refletir sobre o desconhecimento que possui em relação às causas e implicações de sua atitude, como ponderam Deborah Britzman, Nicole Sieben e Laraine Wallowitz, e Reta Whitlock:

Para aqueles que não conseguem imaginar que diferença a diferença faz no campo do currículo, a esperança é que a verdade da minoria possa persuadir as pessoas normativas a darem bom acolhimento à diversidade dos outros e, ao permitir a presença do outro, talvez transformar – ao nível desses sentimentos tão transferíveis – suas atitudes racistas, sexistas e

⁴ Queer Theory advocates one extremely simple thing that all future and current educators can do to make a difference in the classroom each day and every day: actively monitor the language they use. Such monitoring seeks to redefine (or at least prompt students to question) the meaning of words, terms and concepts that serve to reinforce socially defined characterizations of "normal" and thus help to create the labels and binary categorizations that are the root of the discrimination.

heterocêntricas. Mas como exatamente ocorrerá a identificação com o outro se se pede de uma pessoa somente para tolerar e, portanto, confirmar-se como generoso/generosa? Em outras palavras, o que realmente mudou dentro dos imperativos éticos de sua identidade? (BRITZMAN, 1995, p.159, tradução nossa).⁵

Os alunos têm em seus professores modelos de como ser no mundo. O primeiro passo é mostrar-lhes que aceitamos e acolhemos todos os gêneros e sexualidades, mas parar aí não faz nada para contestar o *status quo* – devemos também reconhecer e confrontar todos os construtos artificiais que desumanizam. (SIEBEN; WALLOWITZ, 2009, p.49, tradução nossa).⁶

Currículos e pedagogia anti-bullying enfatizam a tolerância como objetivo, porém a tolerância nada faz para contestar a produção – por quem executa o bullying, nesse caso – da heteronormatividade e também das identidades de gênero e de etnia. (WHITLOCK, 2010, p.99, tradução nossa).⁷

Percepção semelhante tem Ase Rothing (2008) quando analisa a situação de aulas de educação sexual em escolas norueguesas de ensino médio: embora se considerem uma sociedade bastante tolerante, ela observa que a heterossexualidade é dada como certa, como padrão, enquanto a homossexualidade é algo vinculada a problemas, a comportamentos que somente se deve investigar caso os alunos estejam certos que sejam gays, lésbicas ou bissexuais, ao mesmo tempo em que se espera que eles experimentem a heterossexualidade – e gostem dela.

Um dos exercícios propostos por Sieben e Wallowitz em sala de aula aponta como despertar a consciência dos alunos para a arbitrariedade dos conceitos binários de gênero e identidade sexual, além de proporcionar uma verdadeira imagem especular invertida do que vem a ser a assunção da heteronormatividade compulsória da sociedade. Baseando-se em um questionário de vinte e duas questões atribuído a Martin Rochlin (1977), elas aplicaram dez das perguntas para serem discutidas na classe (Quadro 01). Depois de tentar respondê-las, os alunos perceberam que tais perguntas, na sua origem com a palavra “homossexual” e suas variantes ao invés de “heterossexual”, são frequentemente dirigidas pessoas de orientação sexual não-heteronormativa – e puderam sentir como são impróprias e descabidas. Uma outra

⁵ For those who cannot imagine what difference difference makes in the field of curriculum, the hope is that the truth of the minority might persuade the normative folks to welcome the diversity of others and, in allowing the presence of the other, maybe to transform – at the level of these very transferable feelings – their racist, sexist, and heterocentric attitudes. But how, exactly, is identification with another to occur if one is only required to tolerate and thereby confirm one’s self as generous? In other words, what has actually changed within the ethical imperatives of one’s identity?

⁶ Students look to their teachers as models for how to be in the world. The first step is to show them that we accept and embrace all genders and sexualities, but to stop there does nothing to challenge the status quo – we must also recognize and confront all artificial constructs that dehumanize.

⁷ Anti-bullying curricula and pedagogy stress tolerance as a goal, yet tolerance does nothing to question the production – by the bullies in this case – of heteronormativity, and also gendered and ethnic identities.

percepção foi de que o questionário assumia que todos na sala de aula eram heterossexuais, mostrando, por inversão, como seria se sentir excluído e não-representado numa sala de aula quanto às diversas possibilidades de manifestação da sexualidade humana, assim como contestar a noção essencialista de que as identidades possam ser todas coesas, monolíticas e consolidadas, quando, na verdade, o sujeito contemporâneo apresenta-se fragmentado em diferentes papéis e situações, podendo integrá-las de forma dinâmica e alterá-las quando assim o desejar ou for conveniente, mas raramente experimentará a rigidez que os binarismos identitários prescrevem.

Quadro 1- Questionário sobre heterossexualidade

1. O que você acha que causou sua heterossexualidade?
2. Quando que você decidiu pela primeira vez que era heterossexual?
3. É possível que você seja heterossexual porque você tem medo do mesmo sexo?
4. É possível que a heterossexualidade seja uma fase da qual você vai sair quando crescer?
5. Se você nunca dormiu com alguém do mesmo sexo, como você sabe que não preferiria isso? É possível que você só precise de uma boa experiência gay?
6. Para quem você revelou sua heterossexualidade? Como foi a reação?
7. Por que os heterossexuais são tão espalhafatosos? Por que eles têm de exibir sua sexualidade?
8. A maioria dos molestadores de crianças são homens heterossexuais. Você considera seguro expor seus filhos a eles?
9. Como você pode ter um relacionamento verdadeiramente satisfatório com alguém do sexo oposto, quando as diferenças são tão grandes?
10. Em vista dos problemas que os heterossexuais enfrentam, você gostaria que seus filhos fossem heterossexuais? Você pensaria em recorrer à terapia reparatória para eles?

Fonte: Adaptação de (SIEBEN; WALLOWITZ, 2009, p.47, tradução nossa).⁸

Outro conceito explorado pelas autoras é aquele designado por Judith Butler (1993, p.XII) como *performatividade* – “o poder reiterativo do discurso de produzir os fenômenos que ele regula e restringe”⁹, ou seja, a capacidade da linguagem, gestos e outros sistemas de signos de nos fazer “encenar” nosso sexo, gênero e sexualidade de forma tão contínua e repetitiva que criamos a aparência de uma dada identidade sexual. Outro exercício que

⁸ 1. What do you think caused your heterosexuality? 2. When did you first decide you were heterosexual? 3. Is it possible you are heterosexual because you fear the same sex? 4. Is it possible heterosexuality is just a phase you will grow out of? 5. If you have never slept with someone of the same sex, how do you know you wouldn't prefer that? Is it possible you just need a good gay experience? 6. To whom have you disclosed your heterosexuality? How did they react? 7. Why are heterosexuals so blatant? Why do they have to flaunt their sexuality? 8. Most child molesters are heterosexual men. Do you consider it safe to expose your children to them? 9. How can you have a truly satisfying relationship with someone of the opposite sex? 10. Given the problems that heterosexuals face, would you want your children to be heterosexual? Would you consider reparative therapy?

⁹ that reiterative power of discourse to produce the phenomena that it regulates and constrains.

propuseram relacionado aos atos performativos de gênero e às categorias rígidas de classificação das ações humanas é reproduzido abaixo:

Se gênero e sexualidade fossem tão normais e “naturais”, por que você precisaria usar palavras como “gay”, “bicha”, “sapatão” e “homossexual” para policiar comportamentos? Por que você se esforça tanto para desempenhar continuamente seu gênero e sexualidade? Por que você fica incomodado quando vê pessoas que não se encaixam em “caixas certinhas”? Por que você rotula identidades baseadas em ações empreendidas? (SIEBEN; WALLOWITZ, 2009, p. 48, tradução nossa).¹⁰

Esse aspecto performativo da linguagem se evidencia, também, pela típica recorrência a situações consideradas “normais” para a maioria das sociedades, quando não escolhidas por parecerem “inócuas” o suficiente para serem lidas por diferentes comunidades linguísticas ao redor do mundo e, assim, não causar conflitos culturais; um risco facilmente incorrido é o de criar toda sorte de estereótipos das populações, comportamentos e do *modus operandi* dos países focalizados em sala de aula:

Na situação de uma sala de aula, pensamos na teoria queer como uma abordagem baseada em investigação que não está somente preocupada com a inclusão de pessoas de todas as identidades sexuais, mas também com o exame e a problematização críticos dos materiais e informações da linguagem sobre estruturas sociais que dizem respeito às identidades sexuais. Um risco ao não se problematizar materiais e informações é que imagens estereotipadas ou essencializadas de outros países sejam criadas e/ou reforçadas nas discussões em classe, uma vez que os alunos não têm necessariamente experiência própria para avaliar criticamente ou questionar os materiais e/ou as informações disponíveis. (DE VINCENTI, G.; GIOVANANGELI, A.; WARD, R., 2007, tradução nossa).¹¹

Uma estratégia para corrigir a preponderância de imagens estereotipadas é contribuir com outras imagens e situações que demonstram a pluralidade de famílias e relações humanas e da diversidade da experiência contemporânea: a possibilidade de inclusão de famílias não-nucleares e heterossexuais, de etnias mistas, de variados graus de habilidade física, das conquistas de uma adoção homoafetiva e de todo tipo de relacionamento amoroso/sexual que, sendo consensual entre os agentes envolvidos, só pode expressar a rica gama de

¹⁰ If gender and sexuality were so normal and “natural”, why would you need and use words such as gay, fag, dyke, and homo to police behavior? Why do you work so hard at continuously performing your gender and sexuality? Why do you become uneasy when you see people who do not fit into “neat boxes”? Why do you label identities based on actions taken?

¹¹ In the classroom situation, we think of queer theory as an enquiry based approach that is not solely concerned with the inclusion of people of all sexual identities, but is also about critically examining and problematising language materials and information about social structures as they pertain to sexual identities. A risk in not problematising materials and information is that stereotyped or essentialised images of other countries are created and/or reinforced in classroom discussions, as students do not necessarily have their own experience to critique or question the materials and/or information available.

possibilidades do espectro afetivo e erótico da sexualidade humana. Na recomendação de Jeffrey Zacko-Smith e George P. Smith (2010, p.8, tradução nossa):

Os educadores podem, por exemplo, complementar livros que retratam a imagem padrão de romance e namoro com livros que mostram que rapazes podem namorar rapazes e ter os mesmos tipos de relacionamento, graus de excitação com o amor, e problemas de relacionamento que acompanham os relacionamentos de sexos opostos.¹²

Algumas dessas técnicas também têm sido testadas no Brasil – já existem livros infantis que tratam dos casais homoafetivos com naturalidade, mas a situação em sala de aula não parece tão confortável quanto na América do Norte ou Europa. Na edição de 12 de maio de 2010, a revista VEJA publicou uma reportagem chamada “A geração tolerância”, cuja chamada de capa se intitulava “Ser jovem e gay – a vida sem dramas”. Embora tenha sido positivo trazer as novas configurações da experiência de jovens homossexuais no país, a reportagem generaliza a vivência de adolescentes e adultos da classe média alta nas grandes capitais brasileiras, retratando uma realidade demasiadamente otimista e sem maiores problemas quanto aos percursos pelos quais a juventude não-heterossexual passa em direção à afirmação de sua orientação sexual na família, na escola e na sociedade em geral. Para um país que ainda enfrenta altos índices de crimes com componentes homofóbicos, a reportagem soa às vezes leviana em afirmar que a luta pelos direitos da população GLBT é coisa do passado:

Os jovens que aparecem nas páginas desta reportagem, que em nenhum instante cogitaram esconder o nome ou o rosto, são o retrato de uma geração para a qual não faz mais sentido enfiar-se em boates GLS (sigla para gays, lésbicas e simpatizantes) – muito menos juntar-se a organizações de defesa de uma causa que, na realidade, não veem mais como sua. (ROGAR; BORTOLOTTI, 2010).

Além disso, o próprio jovem retratado na capa postou em um blog a real situação da sua experiência, que diz ter relatado nas entrevistas à repórter Silvia Rogar:

[...] Eu que fui o garoto que saiu na capa, e só hoje eu posso dizer abertamente que a *Veja* cortou muita coisa que eu falei. Na época da publicação da matéria, eu fui quase que proibido de comentar negativamente sobre a matéria, porque isso poderia atrapalhar as vendas da revista. [...] O que achei errado foi eles mentirem de que não tem preconceito, e que ninguém milita mais. Porque eu fiquei mais de uma semana por horas no

¹² Educators can, for example, supplement books that paint the standard picture of romance and dating with books that show that boys can date boys and have the same types of relationships, levels of excitement over love, and relationship problems that accompany opposite sex relationships.

telefone contando minha história pra Silvia (que foi bem difícil também, tentei suicídio 2 vezes, sofri *bullying* no colégio, entrei em depressão, me levaram pra igreja pra tentar me mudar, e mais um monte de coisas, foram 3 anos de inferno), e repassando tudo, e sempre disse que militava, participava das ONGs, fazia terapias online com todo mundo. E isso eles não colocaram, aliás não colocaram quase nada, eu contei tanta coisa [...] O lado bom foi a visibilidade que teve, recebi emails de pessoas falando que a revista ajudou eles terem uma abertura em casa para conversar sobre o assunto. (FISCHER, 2010).

Como se vê, mesmo nos colégios voltados para a classe média alta, a incidência de *bullying* contra jovens não heterossexuais é uma realidade cotidiana. Embora o impacto da reportagem possa ter efeitos de ampliar o espectro de aceitação e tolerância por parte de seu leitorado, a desqualificação dos movimentos de reivindicação da “causa gay” soa irresponsável, até por ser falaciosa. Exemplos como esse mostram o quanto ainda precisa ser feito na sociedade brasileira em geral, e nas escolas em particular, para se atingir um nível de convivência respeitosa realmente digno.

O que parece, realmente, estar aflorando nessa jovem população é um maior conforto e disposição de comentar suas experiências não-heteronormativas quando se sentem confiantes quanto à sua recepção. Na experiência deste docente, tem surgido oportunidades em que alunos relatam serem gays ou lésbicas em redações, de forma que não se sentem coagidos ao silêncio por temerem se expor demais. Parte dessa liberdade vem da abertura que lhes é dada para discutir o que antes poderia ser tabu em sala de aula, daí a importância da perspectiva queer nessa mudança:

Incorporar a teoria queer na base de conhecimento sobre orientação sexual para os programas de licenciatura é mais um passo em direção a escolas que consigam celebrar as diferenças ao invés de usá-las como ferramentas de opressão e violência, reconhecendo que a natureza nos prove de toda a diversidade necessária para que prosperemos se aceitarmos cada um incondicionalmente e com graça. (ZACKO-SMITH; SMITH, 2010, p.8, tradução nossa).¹³

James Sears advoga que os preceitos queer sejam transmitidos ainda no ensino fundamental, para desenvolver o potencial humanista dos alunos ainda numa fase inicial da formação de suas personalidades, instigando o respeito às diferenças bem cedo:

¹³ Incorporating Queer Theory into the knowledge base on sexual orientation for teacher education programs is one more step towards achieving schools that celebrate differences rather than using them as tools of oppression and violence, recognizing that nature provides us with all the diversity that is required for us to thrive if we accept each other unconditionally and with grace.

As salas de aula queer do ensino fundamental são aquelas em que pais e educadores cuidam tanto das crianças que confiam na capacidade humana de compreender e suas habilidades educativas de promover um entendimento iluminador da condição humana. (SEARS, 1999, p.5, tradução nossa).¹⁴

Dessa forma, a teoria queer tem proposições para a educação que não se limitam às questões de identidade sexual e gênero, mas perpassam as situações diversas de que uma sala de aula é *locus* frequente, possibilitando a reflexão sobre comportamentos e atitudes que não mais condizem com a experiência pluralista das sociedades contemporâneas. Seu caráter fluido também é uma salvaguarda contra cristalizações do pensamento e de modismos, pois “não se trata, pois, de tomar sua figura como exemplo ou modelo, mas de entendê-la como desestabilizadora de certezas e provocadora de novas percepções” (LOURO, 2004, p. 24). Ao celebrar a diversidade – inclusive sexual – como valor importante da práxis humana, a teoria queer colabora para desconstruir argumentos, mentalidades e ações que ainda reduzem o espectro de expressão da sexualidade a poucas formas sancionadas por estruturas conservadoras, quando não arcaizantes. É na sua interface com a esfera educacional que se pode esperar um intenso, ainda que paulatino, progresso na libertação das manifestações legítimas do potencial de identidades sexuais e de gênero.

AN UPDATE OF THE DIALOGUE BETWEEN QUEER THEORY AND EDUCATION

ABSTRACT: *This paper aims at updating some of the contributions that Queer Theory has brought to the discussions on sexual identities in education, through an exposition of how post-identity theories in general, and Queer Theory in particular, enable the evaluation of different aspects to be taken into account in the discussion of sexual diversity in schools. Based on the bibliography recently published in Brazil and abroad, as well as on the author's teaching practice, this research also signals to some minor, though significant, changes in higher education students' behaviour as to the expression of their sexualities, especially when it concerns the voicing of experiences that do not fit heteronormativity.*

KEYWORDS: *Queer theory. Identity. Sexuality. Education.*

REFERÊNCIAS

BRITZMAN, D. P. Is there a queer pedagogy? Or, stop reading straight. **Educational Theory**, Champaign IL, v.45, n.2, Spring 1995, 151-165.

BUTLER, J. **Bodies that matter:** on the discursive limits of sex. Abingdon: Routledge, 1993.

¹⁴ Queer Elementary classrooms are those where parents and educators care enough about their children to trust the human capacity for understanding, and their educative abilities to foster insight into the human condition.

DE VINCENTI, G.; GIOVANANGELI, A.; WARD, R. The queer stopover: how queer travels in the language classroom. **Electronic Journal of Foreign Language Teaching**, Cingapura, v.4, sup.1, 2007. Disponível em: <<http://e-flt.nus.edu.sg/v4sp12007/ward.htm>>. Acesso em: 28 maio 2011.

FISCHER, A. Jovens gays na capa de VEJA. **Mix Brasil**, 08 maio 2010. Disponível em: <<http://mixbrasil.uol.com.br/blogs/andre-fischer/2010/05/08/jovens-gays-na-capade-veja.html#rmcl>>. Acesso em: 3 jun. 2011.

LOURO, G. L. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v.19, n.2, p.17-23, maio/agosto 2008.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOUTZENHEISER, L. W.; MacINTOSH, L. B. Citizenships, sexualities, and education. **Theory into Practice**, Columbus OH, v.43, n.2, p.151-158, Spring 2004.

ROCHLIN, M. Heterosexual questionnaire. **The Pink Practice**, Jan. 1977. Disponível em: <<http://www.pinkpractice.co.uk/quaire.htm>>. Acesso em: 18 maio 2011.

ROGAR, S.; BORTOLOTTI, M. A geração tolerância. **VEJA**, São Paulo, Edição 2164, 12 maio 2010. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/120510/geracao-tolerancia-p-106.shtml>>. Acesso em: 3 jun. 2011.

ROTHING, A. Homotolerance and heteronormativity in Norwegian classrooms. **Gender and Education**, London, v.20, n.3, p.253-266, May 2008.

RUITENBERG, C. W. Queer politics in schools: a rancièrean reading. **Educational Philosophy and Theory**, Oxford, v.42, n.5-6, p.618-634, 2010.

SANTOS, R. M. Intersecções da teoria queer com aspectos educacionais: breve relato. In: RIBEIRO, P. R. M. (Org.) **Gênero, sexualidade e educação sexual em debate**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.45-54.

SEARS, J. T. Teaching queerly: some elementary propositions. In: LETTS, W. J.; SEARS, J. T. (Ed.). **Queering elementary education**: advancing the dialogue about sexualities and schooling. Lanham, MD: Rowman & Littlefield Publishers, 1999. p.3-14.

SIEBEN, N.; WALLOWITZ, L. Watch what you teach: a first-year teacher refuses to play it safe. **English Journal**, Urbana IL, v.98, n.4, p.44-49, Mar. 2009.

WHITLOCK, R. U. Getting queer: teacher education, gender studies, and the cross-disciplinary quest for queer pedagogies. **Issues in Teacher Education**, Orange CA, v.19, n.2, p.81-104, Fall 2010.

ZACKO-SMITH, J. D.; SMITH, G. P. Recognizing and utilizing queer pedagogy. **Multicultural Education**, San Francisco CA, v.18, n.1, p.2-9, Fall 2010.